

O INESQUECÍVEL PROFESSOR



TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO

“Não há matéria-prima melhor que a falha para contar histórias”

Conversa entre PEDRO GIL e MARIA JOÃO GUARDÃO.*

MARIA JOÃO GUARDÃO Gostava de saber de onde vem a vontade de construir, agora, um espetáculo que diretamente questiona o poder do teatro e a condição da arte e dos artistas em Portugal.

PEDRO GIL Não tenho uma boa justificação para ter decidido apostar nesta ideia agora. Consigo dizer que, há uns anos, dei por mim a ser atraído pela ideia de um velho mestre de teatro que chega à conclusão de que toda a sua vida dedicada ao teatro foi em vão. Nunca tenho uma intenção à partida, apenas uma atração e, curioso, vou atrás. No início a minha vontade é só essa, descobrir que espetáculo é. Não há uma intenção, há só aquilo que o espetáculo me provoca. Esta ideia tem quatro ou cinco anos e passou à frente de outras. Antes de ela aparecer, era capaz de jurar que nunca iria fazer um espetáculo que fosse tão sobre teatro.

Porquê?

Não sei. Acho que não costumo gostar de espetáculos que falam de teatro. E quando dei por mim estava a fazer um espetáculo que se passa numa escola de teatro, as personagens são um professor de teatro e os seus alunos e alunas, e as cenas são aulas de teatro... Fui assaltado por esta ideia e levado por ela... Talvez e principalmente por outras razões que não o teatro.

O teatro mesmo quando fala de teatro está a falar do mundo – são palavras tuas.

É um lugar-comum, mas o teatro faz parte do mundo por mais que seja outro mundo, um mundo à parte. Senti-me atraído pela vida das pessoas que estão em cima do palco e pela vida das pessoas que estão sentadas na plateia. O teatro é esse tempo em que as suas vidas se cruzam. Quais as expectativas deste encontro para uns e outros? O que querem e podem dar e receber uns dos outros? Depois, atraiu-me também a escola como momento iniciático de quem decide enveredar por esta profissão. Quando entramos numa escola de teatro sentimos que nada sabemos de teatro, mas apesar disso levamos muitas expectativas e preconceitos. E durante três anos temos professores que nos calibram essas expectativas e preconceitos: o teatro afinal não é isso, é isto; não serve para isto, mas para aquilo; faz-se assim e não assim. Qual a relação que o teatro deve estabelecer com a realidade, com a vida das pessoas, qual a sua utilidade. E, também, como será viver do teatro. Atraíram-me esses ensinamentos do início. Achei que poderia espremer sumo dramático a partir deste “porque é que fazemos teatro da forma que fazemos?” e qual a relação entre o teatro e a vida, não só a vida de quem se senta na plateia, mas também a vida de quem faz.



Este espetáculo passa-se todo numa sala de aula.

A sala de aula tem um imenso potencial dramático: há uma pessoa que supostamente sabe mais do que as outras e essas outras estão lá precisamente por isso. Para além disso, um professor é um dos guardiões dos vários portões que nos podem conduzir à profissão. Depois, existem os códigos de conduta da própria sala de aula que permitem muita coisa e inibem outras tantas. Depois há ainda as regras daquele professor em particular... A aula pode ser um lugar de confronto, de questionamento, de provocação, de partilha, de angústia, de revelação, de experimentação, de superação, enfim, é um lugar que oferece infinitas possibilidades e por isso já muito explorado dramaticamente.

Neste mestre que todos podemos reconhecer há um *twist*, um negrume que o faz descolar da realidade. E, ao mesmo tempo, esta escuridão tem ecos de outros protagonistas teus, em projetos aparentemente muito diferentes.

É um mítico professor de teatro do conservatório que os alunos adoram, mas que no momento da peça está a um semestre de se reformar. E abate-se sobre ele uma crise. Chega à conclusão de que o teatro pelo qual se bateu toda a vida e que ensinou aos seus alunos e alunas não se cumpriu. É um herói que se comporta como vilão. É um herói que procura salvar os alunos, mas o caminho que escolhe para o fazer é o da destruição. Eu sou muito atraído por heróis que fazendo o mal acabam por fazer o bem, ou que, sem querer, fazem o mal. É assim com este herói. Envelhecer pode ser complicado e sei que se lá chegar não estou imune. Quando perto do fim, olhando para trás, concluímos que podíamos estar num lugar diferente daquele em que estamos, e que esse lugar esteve ao nosso alcance, isso pode ser muito doloroso. Não há matéria-prima melhor que a falha para contar histórias, o facto de sermos vítimas da nossa própria condição.

É uma comédia muito ácida no que diz respeito ao modo como o país trata os seus artistas.

Sim. Os argumentos do professor são falaciosos porque ele tem uma agenda, mas isso não quer dizer que não esteja a dizer aquilo em que acredita. Para ele não é só o país, é a nossa bendita civilização. Este professor acreditou que, com a oportunidade criada em Abril, hoje estaríamos a viver melhor. E, para ele, desperdiçámos essa oportunidade. Incapaz de ver o quão fantástica pode ser a vida de hoje para alguns, o professor só consegue ver que falhámos na construção de um mundo fraterno, sem desigualdade, sem



injustiça, sem miséria. Na sua visão, o capitalismo tomou de assalto a democracia e afastou o teatro da vida das pessoas, pela forma como as obriga a viver, mas também pelos avanços tecnológicos inerentes à sua lógica de crescimento infinito, e pela forma como as pessoas são levadas a relacionar-se com essa tecnologia. A seus olhos, o teatro perdeu o poder de influência na sociedade. Este professor olha para o teatro como um *media* que ficou para trás. *Démodé*, como podemos dizer da filatelia. E essa é a maior das derrotas. Ele queria que aquilo que faz tivesse mais importância, mais efeito na vida concreta das pessoas. Se assim fosse não tínhamos chegado onde chegámos. O teatro que ele preconizou tinha essa força.

Na peça, são os alunos, os atores por vir, que fazem barreira à empresa que o professor decide tomar em mãos, são sempre eles que vão resistindo.

Os alunos e as alunas da peça serão os novos depositários dos ensinamentos do professor, desta forma de viver o teatro. Como vão lidar com isso no futuro não ficamos a saber, a peça não vai até aí. Toca-me muito o lado da personagem que questiona as suas expectativas no passado e as suas expectativas de agora em relação à liberdade que conquistámos. Essa comparação entre o que eu recebi, o que eu perspetivo e o que me está a acontecer, essa relação entre estes três tempos, toca-me enquanto pessoa.

E enquanto artista.

Sim. O que é que eu posso mais dizer? Posso dizer que me atrai esta tensão – real ou imaginária? – que há entre a nossa intenção artística e o seu efeito. A impossibilidade de medirmos o impacto da arte na vida das pessoas. A tentação de sermos donos do seu poder quando ele está para lá de nós é indomável. Talvez a maior prova do seu poder seja essa, a ambição de que outros sejam tocados da mesma maneira que nós.

Escreves normalmente o texto das peças que encenas, interessa-te mais do que encenar textos de outros autores?

Porquê escrever e não encenar outros textos? Talvez porque interpretar outros textos é uma coisa que eu já faço como ator... Há muitos textos que gostaria de encenar porque gostaria de os ver feitos ou porque gostaria de interpretá-los ou de juntar pessoas para os fazer. Atrai-me muito interpretar coisas que estão para lá da minha existência, que vêm do passado, essa viagem no tempo é uma coisa que faço muito como ator. E se não faço mais como encenador é porque outras ideias se metem à frente. A vontade de criar algo novo, algo que desconheço mas que me atrai, acaba por abalroar outros autores e textos que adorava encenar – tantos deles com os quais me identifico e que me inspiram e cujos caminhos interrompidos continuo à minha maneira. Surgiu também uma sede de escrita muito grande, resultado do escritor em que entretanto me tornei quando escrevo peças. Passo mais tempo a escrever a peça do que a ensaiá-la, por exemplo, e isso também me tem absorvido.

Dizes que “interpretar, encenar, escrever, desenhar um cenário tem tudo a mesma importância, é o mesmo ofício”.¹ Não distingues a tua obra, não muda a responsabilidade?

Eu diria que faço teatro e que, apesar de mudar de função, não sinto que isso mude a minha forma de fazer teatro ou a responsabilidade. Muda só a função, é uma constatação. Quando faço um espetáculo como ator, digo “o meu espetáculo” ou “o nosso espetáculo”, sou muito vaidoso e orgulhoso das coisas que faço com as outras pessoas, mesmo que não tenha sido eu a encenar. A minha responsabilidade é sempre a mesma, só muda a função. E todas se contaminam. Como ator desenvolvi ferramentas de escrita, como ator desenvolvi ferramentas de encenação. Lembro-me sempre do exemplo do Chaplin. Muitas das suas técnicas de escrita e de realização advêm da sua prática enquanto *clown*. É como se fosse o *clown* que ele é a escrever o argumento e a enquadrar o plano e a realizar. Se eu escrever um texto a fazer o pino, porque sou acrobata, o acrobata que sou está a contaminar o escritor que sou. Ou, pelo menos, eu escolho pensar que sim.

1 Entrevista com Ana Pais e Rui Pina Coelho, *Sinais de Cena*, 2.ª série, n.º 4, 2020.

* Excertos de “Não há matéria-prima melhor que a falha para contar histórias”, conversa realizada a 18 de outubro de 2021, publicada originalmente no programa de sala de *O Inesquecível Professor* do Teatro Nacional D. Maria II.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA EUNICE BASTO DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA DIREÇÃO DE CENA CÁTIA ESTEVES LIZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, MARCELO RIBEIRO, NUNO GONÇALVES MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA SOM JOÃO OLIVEIRA VIDEO HUGO MOUTINHO

APOIOS TNSJ

Castanheira pedras&péssegos

APOIOS À DIVULGAÇÃO

COMBOIOS DE PORTUGAL CP TNSJ Formas Medicinas M STCP 90.1NGVA

AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

RAZÕES PESSOAIS É UMA ESTRUTURA APOIADA PELA REPÚBLICA PORTUGUESA / DGARTES E RESIDENTE NO ESPAÇO DA COMPANHIA OLGA RORIZ.

APOIO RAZÕES PESSOAIS

COFFEEPASTE, LISBOA GINÁSIO CLUBE

AGRADECIMENTOS RAZÕES PESSOAIS

RUI FRANCISCO, IFICT – INSTITUTO DE FORMAÇÃO, INVESTIGAÇÃO E CRIAÇÃO TEATRAL, LUISA MARQUES – ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA, MAFALDA SEBASTIÃO – LOJA LISBOA CULTURA

EDIÇÃO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

COORDENAÇÃO JOÃO LUÍS PEREIRA FOTOGRAFIA FILIPE FERREIRA DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



TEATRO CARLOS ALBERTO
17-20 MARÇO 2022 QUI-SÁB 19:00 DOM 16:00

O INESQUECÍVEL PROFESSOR

TEXTO, ENCENAÇÃO E CENOGRAFIA **PEDRO GIL**

DESENHO DE LUZ
DANIEL WORM D'ASSUMPTÃO

EXECUÇÃO DE CENOGRAFIA
NUNO GABRIEL DE MELLO
/TIGRE DE FOGO

APOIO À ENCENAÇÃO
DIOGO ANDRADE

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO E
APOIO À DRAMATURGIA
RAQUEL CASTRO

COMUNICAÇÃO E ASSISTÊNCIA
DE PRODUÇÃO
BERNARDO CARREIRAS

OBSERVADORA
MARIANA ROCHINHA

PRODUÇÃO EXECUTIVA
MARIANA VENES

INTERPRETAÇÃO
**ANA ISABEL ARINTO, ANNA
LEPPÄNEN, ANTÓNIO FONSECA,
BRUNO AMBRÓSIO, CATARINA
PACHECO, JOANA BERNARDO,
JOÃO ESTIMA, JOÃO JONAS,
JÚLIA VALENTE, MÁRIO COELHO,
SARA INÊS GIGANTE, SIOBHAN
FERNANDES, TOMÁS DE ALMEIDA**

COPRODUÇÃO
RAZÕES PESSOAIS
COMPANHIA OLGA RORIZ
TEATRO NACIONAL D. MARIA II
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA
O ESPAÇO DO TEMPO

ESTREIA
11 NOV 2021
TEATRO NACIONAL D. MARIA II
(LISBOA)

DUR. APROX.
2:10
M/12 ANOS

OTNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

